

Tópicos: *O Antropoceno – abordagens transdisciplinares*

Responsáveis: Prof. Stelio Marras (IEB/USP), Karen Shiratori (pós-doc Departamento de Antropologia/USP), Prof. Renato Sztutman (Departamento de Antropologia/USP), Prof. Eduardo Neves (MAE/USP), Profa. Joana Cabral de Oliveira (Departamento de Antropologia/Unicamp), Prof. Pedro Paulo Pimenta (Departamento de Filosofia/USP), Prof. Renzo Taddei (Departamento de Ciências do Mar/Unifesp)

Ementa:

A partir das ciências humanas e da filosofia, embora sem nelas se bastar, o curso pretende aproximar-se do tema do Antropoceno (proposição de uma nova época geológica marcada pelos impactos em escala e velocidade de certas ações antrópicas na auto-regulação do planeta). Encarar a fusão entre modalidades de saber tradicionalmente separadas em “ciências do espírito” e “ciências da matéria” parece ser passagem obrigatória para abordagens as mais realistas do tema. Como acontecimento e objeto de estudo, o Antropoceno põe em causa, de modo inédito, as abordagens estritamente disciplinares. Considerá-lo exige afrontar qualquer exclusivismo pretendido por áreas ou domínios do conhecimento. Consequentemente, tal programa de investigação deve desconfiar, logo de partida, da autonomia ou suposta suficiência dos dois grandes repertórios epistemológicos e críticos da modernidade, ambos derivados das “duas culturas” (C. P. Snow), e que hoje podemos identificar como, de um lado, o “humanismo multicultural”, e, de outro, o “mononaturalismo”. Nesse sentido, é como se, por exemplo, não fizesse mais sentido separar a agenda dos Direitos Humanos da agenda dos Direitos Ambientais. Um tal emaranhado, devidamente explorado, tem impactos significativos nas bases epistemológicas da *modernidade* (conforme definição de Bruno Latour). Em seu lugar, outras visadas pedem passagem. Contra as infecundas Guerras das Ciências (*Science Wars*), ganham força as reviravoltas ontológicas (*Ontological Turn*) e outras viradas que permanecem ainda sem um nome.

Dentre os chamados inelutáveis do Antropoceno, destaque-se, em outras palavras, a urgência por conexões – ou sobretudo outras conexões – entre áreas ou domínios tradicionalmente divisados pela modernidade. Que pode agora, por exemplo, a economia sem a ecologia? Daí a pertinência, a cada vez crescente, de frentes forçosamente transdisciplinares, como a Bioeconomia e a Economia Ecológica. Entram em cena, nos termos de Isabelle Stengers, os *contraintes* (constrangimentos) de Gaia, essa figuração do planeta agora restaurada, sob mil nomes, no século XXI.

Tais constrangimentos, terríveis ou promissores, fazem emergir narrativas etnograficamente orientadas que reavivam as descrições, como a que se convencionou designar por *estudos multiespécies*. O curso deve se aproximar da usina dessas novas imaginações teóricas que encaram o Antropoceno como uma espécie de forçante do pensamento contemporâneo. Torna-se assim inevitável, por exemplo, refletir sobre a assunção de novas figurações do “Anthropos” e suas ciências quando agora, no Antropoceno, humano e não-humano já não se deixam mais tomar como simplesmente descontínuos entre si, em seus supostos contornos auto-evidentes. Tal corresponde a perguntar: qual ciência do propriamente humano no Antropoceno? Qual a do propriamente não-humano? Abre-se assim uma passagem, ainda que exígua, na qual se vislumbra o horizonte do além do homem? O evidente se desconcerta diante de novas e profusas evidências. Mas são estas o signo de qual ordem? Como forjar um discurso capaz de articulá-las e sem moldá-las a expectativas prévias e restritivas?

Viradas, reviravoltas, torções nos hábitos de pensamento – eis aí as chances que os modernos passam a reunir para que, finalmente (ou diante da escatologia contemporânea de “fim do mundo”), possam se tomar como jamais tendo sido modernos. De fato, algum dia a teoria da evolução e a geologia ofereceram as reconfortantes perspectivas que se esperavam delas? Não é chegado o tempo de explorar as sendas desses discursos, prospectando neles não bem uma ideia de natureza, mas potencialidades inauditas acerca do vivente? Que política do conceito se extrairia daí? Certamente, para falamos com Rancière, uma nova e inesperada “partilha do sensível”.

Quando o cosmos e a política se mostram tão embaraçados e inextricáveis entre si, novas diplomacias se insinuam como possíveis. É trabalho de desestabilização do pensamento e da prática rumo a novas estabilizações provisórias, hauridas em vivas controvérsias sociotécnicas e disputas por narrativas, mas não por isso menos objetivas. Bem ao contrário, estamos face à eleição de uma neo-objetividade, um neo-realismo emergindo da abertura das ciências umas em relação às outras – e mesmo em relação ao que, por contraste, se designará por “não-científico”.

De sua parte, a arqueologia, a geologia e a biologia combinam métodos de prospecção e sondagem que almejam alcançar consenso ou estabilidade na comunidade acadêmica com relação ao conjunto de marcadores ou assinaturas geoquímicas de tecnofósseis que tornem mais precisa e suficiente a datação da nova época geológica do Antropoceno. É o que neste momento se passa com os trabalhos da Comissão Internacional de Estratigrafia, organismo da União Internacional de Ciências Geológicas. Quanto à política, sua agência se redistribui e ganha figurações não-humanas diante da já explícita invasão do cosmos em seu seio. A natureza passa a

inspirar a política de um modo nunca antes concebido pelo ocidente moderno. As ciências e a política são agora convocadas a se colocar em presença daquilo que geram ou mobilizam no mundo. São chamadas a responder com responsabilidade (“*response-abilities*”, para mencionar o neologismo de que Donna Haraway se vale) pelos imbrólios a um só tempo humanos e não-humanos que se pode flagrar nos cursos da ação. Doravante, os modernos estarão diante do imperativo de se desenvolver uma atenção às consequências de suas ações no mundo. Eis o que Stengers (2013) nomeia como “arte das consequências” – desafio certamente incontornável nas passagens diplomáticas do “povo da mercadoria” (Davi Kopenawa) para o “povo de Gaia” (Latour). Pergunta retórica: serão estas passagens uma opção?

Bibliografia:

C. Scott: *Against the Grain: A Deep History of the Earliest States* (Yale University Press, 2017)

Latour, Bruno. *Face à Gaïa. Huit conférences sur le nouveau régime climatique*. Paris, La Découverte, 2015. Introdução e os dois primeiros capítulos. Há versão em inglês do livro.

Latour, Bruno. *Où atterrir — comment s'orienter en politique*. Paris, La Découverte, 2017. Tem a versão em inglês: *Down to Earth: Politics in the New Climatic Regim*
Anna Tsing: *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*.

Van Dooren, T. et. al. “Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade”. *Incerteza*, ano 3, n.7

Povinelli, E. "Geontologies: a requiem to late liberalism". Duke University Press, 2016.

Deleuze, G. *Diferença e repetição*. Paris: PUF, 1968, cap. 4, 2ª parte.

Foucault, M. “Lugar de Cuvier na História da Biologia”. In: *Ditos e escritos vol. 1*. Paris: Gallimard, 2001.

Kolbert, E. *A sexta extinção. Uma história não-natural*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. Cap.2.

Rancière, J. *O inconsciente estético*. São Paulo: Editora 34, 2009. Cap. 2.

Scranton, Roy. “Learning to die in the Anthropocene: reflections on the end of a civilization”. City Lights Books, 2015.

Haraway, Donna. *Staying With the Trouble*

Canguilhem, G. “Os conceitos de luta pela existência e de seleção natural em 1858”.

Stengers, I. "*Réactiver le sens commun. Lecture de Whitehead en temps de débâcle*, Paris, La Découverte/Les Empêcheurs de tourner en rond, 2020

Trabalho de final curso para os alunos:

Formular, com base nas discussões e leituras do curso, propostas de intervenção ou resposta às forçantes do Antropoceno.